

## APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO PARA PAZ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO INTEGRAL

*Rosana Maria Luvezute Kripka*  
Universidade de Passo Fundo (UPF)  
rkripka@upf.br

*Silvio Antônio Bedin*  
Universidade de Passo Fundo (UPF)  
sbedin@upf.br

### **Resumo:**

O presente artigo apresenta algumas reflexões, obtidas pelo amadurecimento de investigações, experiências e discussões, feitas no Observatório da Juventude e de Violências nas Escolas (Cátedra da UNESCO-UPF), sobre a importância e a necessidade de se pensar a Educação para uma cultura de Paz no contexto da Educação Matemática. São apresentadas ações e propostas de construções coletivas no Observatório em busca de alternativas no enfrentamento e prevenção de violências e na resolução de conflitos presentes no âmbito escolar. Entende-se que é necessário aprender novas formas de ser e conviver, de pensar e agir, pautadas no respeito, no diálogo e na escuta, resultando na construção coletiva de ambientes democráticos de convívio, potencializadores de uma cultura de Paz.

**Palavras-chave:** Educação integral; Educação Matemática; Educação para Paz; Violência; Observatório da Juventude.

### **1. Introdução**

A educação integral é um constante desafio para docentes. No ensino de matemática, pela objetividade de seus conteúdos, a busca pela apreensão de conceitos e significados, que possibilitem a autonomia dos aprendizes em posteriores aplicações reais, faz com que os conteúdos sejam abordados através de metodologias específicas, desvinculados muitas vezes da realidade do aprendiz, o que não possibilita tratar de questões transversais e complexas, de formação geral, tão necessárias do ponto de vista da educação integral. Geralmente, os professores priorizam o desenvolvimento da inteligência lógico-matemática e não possibilitam um aprendizado que vise o desenvolvimento da inteligência emocional.

O problema das violências vividas em sala de aula faz repensar estas práticas docentes, de modo a se buscar alternativas para complementá-las. Desde 2010, constituiu-se na Universidade de Passo Fundo UPF, em parceria com a Cátedra da UNESCO de

Juventude, Educação e Sociedade, representada na Universidade Católica de Brasília, o Observatório da Juventude e de violências nas escolas, com intuito de investigar quais são os problemas decorrentes das violências no ambiente escolar, bem como identificar experiências bem sucedidas no seu enfrentamento.

Como educadora matemática, atuando no ensino de graduandos em Licenciatura em Matemática e de cursos de graduação das Ciências Exatas, tenho sentido dificuldades em inserir a Educação para a Paz junto à minha prática docente, de modo que seja um processo natural. Tenho buscado, junto ao grupo do Observatório, compreender as questões das violências presentes nos ambientes escolares, com intuito de elaborar práticas que possam ser incorporadas às metodologias de ensino de matemática. Penso ser importante trabalhar tanto a sensibilização dos aprendizes, pela necessidade de se educar para uma construção conjunta de uma cultura de Paz, bem como trabalhar dinâmicas de formação, de forma a ajudá-los a considerarem estas questões em suas vidas, bem como em suas práticas de educadores.

Tendo em vista a busca pela formação integral do estudante, acreditamos que os fundamentos da Educação para a Paz podem e devem ser aplicados ao longo de nossas aulas cotidianas, como por exemplo, nas aulas de ensino de matemática.

Neste contexto, se apresenta, a seguir, uma breve contextualização sobre a importância da inserção da Educação para uma cultura de Paz no ensino de matemática.

## **2. Educação Matemática e Educação para a Paz**

A história indica que o conhecimento científico matemático surgiu e se consolidou por meio de necessidades humanas, na resolução de seus problemas cotidianos. Por possibilitar aplicações reais diversas, o ensino de matemática torna-se fundamental na resolução de problemas reais de maneira autônoma e criativa, até mesmo potencializando a construção de novos conhecimentos gerados pela interação de seus instrumentos com as demais áreas existentes (BRASIL, 2007).

Nas diversas propostas da Educação Matemática se busca criar espaços de aprendizagens interativos, de modo que a apreensão dos conceitos ocorra naturalmente, visando capacitar o aprendiz na utilização de seus conhecimentos escolares na realidade em que vive, transformando-a. No entanto, na maioria das escolas, o ensino ainda está fragmentado de acordo com os currículos estabelecidos, não havendo relações que

possibilitem aos estudantes a compreensão de suas aplicações reais (OLIVEIRA, 2006, p.3).

No caso do ensino da matemática o problema torna-se ainda mais grave, pois muitos estudantes, por não compreenderem a totalidade dos conceitos trabalhados, sentem muita dificuldade no aprendizado e acabam por desistir de tentar compreendê-la.

Buscando solucionar problemas como este, atualmente nas escolas, surge a necessidade de se trabalhar com o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, com temas transversais, buscando tornar o conhecimento democrático, promovido por ações cotidianas que possibilitem a aquisição de conhecimentos e a autonomia na resolução de situações problema semelhantes.

Além destas questões, também é preciso considerar que atualmente vivemos numa sociedade onde a violência e o individualismo prevalecem nas relações humanas. Naturalmente estas questões se apresentam no âmbito escolar, tanto verbalmente, como em atitudes concretas de agressividade presentes nas relações de convívio.

Guimarães (2006, p.343) comenta que não somente vivemos em uma sociedade violenta, mas que construímos, cotidianamente, uma cultura de violência seja nas famílias, nas escolas, pelos meios de comunicação, etc. O autor concorda com a metáfora criada por Eduardo Galeano (1999), que afirma que vivemos nos ambientes escolares e na sociedade no “mundo do Avesso”, ou seja, que na escola os valores morais estão invertidos, onde, por exemplo, se valoriza a falta de escrúpulos, se despreza a honestidade ou o trabalho. Segundo Galeano (1999) a escola ensina a nos conformarmos com a realidade que se nos apresenta e a padeceremos na sociedade em que vivemos, ao invés de buscarmos formas para transformá-la, de acordo com valores éticos e morais. Contudo, ele acredita na possibilidade da construção de uma nova realidade, começando por repensar as nossas próprias ações, pois acredita que a natureza se realiza em movimento e que construímos o que somos ou que seremos por meio de nossas ações.

O problema das violências presentes nos espaços escolares é um fenômeno que têm instigado diversos educadores a buscarem propostas alternativas para resolver conflitos, bem como propostas que trabalhem com a prevenção à violência, ou seja, que propiciem e colaborem com uma Educação para a Paz (BARROS, 2011; BEDIN, 2004; PORTANOVA, 2006; SILVA E SALLES, 2010).

Portanova (2006) afirma que para atender as quatro necessidades de aprendizagem de matemática que se apresentam neste novo milênio, apresentadas no relatório da reunião

internacional sobre a Educação do século XXI da UNESCO, que são: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” (2006, p.442), é necessário que os conteúdos de matemática sejam desenvolvidos em processos inter ou transdisciplinares, tendo em vista possibilitar a ampliação dos conceitos através da análise e resolução de problemas. Além disso, afirma que, no processo de ensino e aprendizagem de matemática, é necessário que se trabalhe, também, a autoestima dos aprendizes, pois constatou, em suas pesquisas, que estudantes agressivos apresentavam deficiências em suas aprendizagens e que, quando incentivados e apoiados em sala de aula, demonstraram um melhor rendimento. A autora conclui que não existe uma única resposta sobre como proceder nos processos de ensino e aprendizagem da Educação Matemática que colabore na construção de uma Cultura de Paz. Afirma que são constantes os desafios dos educadores matemáticos em se pensar enfoques diferentes das práticas em sala de aula, que promovam um aprendizado com significados e que colabore com a formação integral do estudante.

Na Educação para a Paz acredita-se que, da mesma forma que se pode aprender a ser violento, é possível aprender a ser uma pessoa pacífica, buscando a resolução não violenta de conflitos, através da escuta e do diálogo. Para isso é necessário identificar, compreender e saber trabalhar com situações de violências presentes nos ambientes escolares.

### **3. Os contextos de violências presentes nos ambientes escolares**

Este tema é amplamente discutido na literatura e cotidianamente são divulgados nos meios de comunicação notícias sobre situações de violência ocorridas nas escolas (BARROS, 2011; BEDIN, 2004; PARRA, 2009; SILVA E SALLES, 2010).

Parra (2009) comenta que geralmente há uma grande repercussão negativa na sociedade tanto da violência, como da indisciplina que ocorre dentro das escolas, mas que infelizmente pouco se comenta sobre suas causas ou sobre possibilidades de enfrentamento. Afirma que ambos são fenômenos da sociedade contemporânea, decorrentes do próprio desenvolvimento histórico e para seus enfrentamentos, nos espaços escolares, sugere que a organização do trabalho pedagógico seja elaborada de forma a possibilitar uma aprendizagem com desenvolvimento do senso crítico, da autonomia, do autocontrole e da autorreflexão.

Silva e Salles (2012), ao pesquisar e analisar programas governamentais desenvolvidos no Brasil e na Espanha, concluíram que eles alcançaram resultados positivos no que tange ao enfrentamento da violência no espaço escolar, por buscarem soluções de conflitos através da educação dos agentes escolares, incentivando a reflexão, o diálogo e desenvolvendo estratégias que visassem um ambiente escolar mais democrático. Porém, afirmam que os programas não conseguiram tratar completamente o problema do enfrentamento da violência presente na escola, pois não consideraram fatores externos que também podem desencadear a violência. Afirmam que o problema somente poderá ser compreendido e contornado no momento em que for considerado o contexto cultural e social dos estudantes.

Também acreditamos que, para que haja um ambiente propício para a aprendizagem, é necessário que exista diálogo frequente e que relações de confiança possam ser construídas. Neste sentido, a afetividade amorosa desempenha um importante papel no sucesso escolar dos alunos e, conseqüentemente, na aprendizagem de qualquer disciplina, inclusive na matemática. A seguir são apresentadas algumas considerações sobre como a afetividade pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem.

#### **4. A importância da afetividade no processo ensino e aprendizagem**

Atualmente, talvez por não saber como lidar com a afetividade na aprendizagem, a maioria dos professores, não está levando em conta esta questão.

Neves e Carvalho (2006) afirmam que uma importante questão no campo da educação é a valorização e qualificação das relações humanas na escola, pois sem que haja interação entre escola e aluno, não será possível criar boas condições de ensino e aprendizagem. A ajuda construtiva, em relação aos problemas enfrentados pelos alunos, exige que os professores possuam grande número de qualidades emocionais. As suas atitudes devem motivar os alunos de uma forma a que sintam prazer em estar nas aulas, e a aprenderem mais, aumentando desta forma, a autoconfiança e a autoestima dos alunos. É a postura do professor em sala de aula, que as influencia, pois, além de saber ensinar, deve antes de tudo também saber ser um bom educador. Isso significa que um bom professor deve ter todo um conjunto de qualidades, o que inclui conhecimento técnico e conhecimento emocional necessário. (NEVES e CARVALHO, 2006; MATURANA, 1999).

Goleman (2001, p.92), ao abordar o tema da Inteligência Emocional, afirma que as perturbações emocionais podem interferir na vida mental, pois quando as emoções abatem a concentração, prejudicam a “memória funcional”, ou seja, a capacidade de ter em mente toda informação relevante para a execução de uma determinada tarefa. Também afirma que todas as competências, atribuídas a esta área da mente humana, podem ser aprendidas e desenvolvidas em todas as pessoas, ao contrário do que se pensava sobre as emoções, atribuindo-lhe um caráter imutável e instintivo a ser controlado e sufocado para assegurar a convivência humana. Entende que ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem, quanto o ensino da matemática e da leitura, onde as crianças aprendem que a questão não consiste em evitar inteiramente possíveis conflitos, mas resolver discordâncias e ressentimentos antes que se tornem situações conflitantes mais sérias. Salienta que “uma aptidão social chave é a empatia, ou seja, a compreensão dos sentimentos dos outros e a adoção da perspectiva deles, e o respeito às diferenças no modo como as pessoas encaram as coisas” (2001, p.282). Deste modo, os relacionamentos são outro foco importante, onde é necessário aprender a ser um bom ouvinte e um bom questionador; distinguir entre o que alguém diz ou faz, controlar reações e julgamentos, buscar ser mais assertivo, não raivoso ou passivo e aprender as artes da cooperatividade, da solução de conflitos e da negociação de meios-termos. Assim no processo educativo, o papel do professor deve ser de natureza intelectual e também de natureza afetiva, buscando atender às diferentes dificuldades emocionais das crianças que chegam à escola. Os alunos devem ser estimulados a trabalhar em equipe, a cooperarem uns com os outros em tarefas e projetos comuns.

Neves e Carvalho (2006) afirmam que o professor deve propiciar situações de ensino que estimulem a autoestima e a autoconfiança, pois o bom desempenho escolar depende tanto de aspectos intelectuais como de afetivos.

Dessa forma, pode-se concluir que as emoções têm fundamental influência na aprendizagem e, conseqüentemente, no rendimento do aluno, sendo, por isso, muito importante que o professor tenha um grande equilíbrio emocional em sala de aula, para conseguir trabalhar com este apoio emocional na aprendizagem.

Barros (2011), acredita que a educação, para que possa atingir plenamente seus objetivos, deve ser conduzida através de um novo conceito de espiritualidade, a qual entende a compreensão da vida através da amorosidade, ou seja, onde as pessoas são convidadas a conviver numa dinâmica de evolução para comunhão e para integração com o

diferente. Afirma que ser espiritual exige ser profundamente humano em suas relações, sendo que este ocorre somente através de um caminho da solidariedade e de escuta, onde deve ser possível interagir com a diversidade de opiniões, respeitando-as. Enfatiza a necessidade de educar para sermos éticos e humanos, tendo em vista o quanto atualmente vivemos numa sociedade antiética e desumana. Neste sentido, indica que a educação deve trilhar um caminho de diálogo desenvolvido a partir da diversidade advinda de diversas culturas populares envolvidas no processo. Para tanto, propõe a reflexão de que a mudança no processo de ensino e aprendizagem deve ocorrer inicialmente com o próprio professor, uma vez que para trabalhar a educação através o diálogo é necessário desenvolver a capacidade de escutar o outro e de dialogar. Também defende que o que é propriamente humano seria um entrelaçamento do emocional com o racional e para tanto é necessário resgatar e priorizar o diálogo entre emoções e razão.

Barros (2011) acredita que é necessário ao educador resgatar seus sonhos e utopias para que se sinta motivado e desafiado a tentar ações alternativas coletivas de combate e prevenção à violência. Afirma que no processo de educação para a paz é necessário trabalhar com amor, inclusive numa dimensão ecológica, pois a comunhão com a natureza possibilita a renovação do espírito, que impulsiona e renova as relações num ambiente de aprendizagem.

## **5. Observatório da Juventude e de Violências nas Escolas**

Desde 2010 o Observatório da Juventude e de Violências nas escolas, da UPF, vem se constituindo com um centro multidisciplinar de referência no desenvolvimento de ações coletivas, de produção de conhecimentos relacionadas à juventude e à violência nas escolas, com participações de representantes do Governo do Estado, através do Comitê Estadual de Prevenção às Violências nas Escolas, representante da Prefeitura Municipal, responsável pela Política Municipal de Combate ao *Bulliyng*, representantes de ONGS, como AVOCE (Associação de Voluntários de Passo Fundo), ECOPAZ (Educação Alternativa à violência) e SERPAZ (Serviço de Paz), bem como conta com participação de professores de diferentes áreas do conhecimento, tais como Pedagogia, Serviço Social, Direito, Economia, Sociologia, Antropologia e Matemática, entre outros, buscando ampliar o conhecimento de realidades a partir de diferentes olhares sobre a problemática e sobre as

experiências vivenciadas pelos integrantes do grupo, tanto na prevenção como na resolução não violenta de conflitos.

Neste sentido, tem promovido discussões sobre os diferentes conceitos de violências e sobre Educação para a Paz, encontrados na literatura, buscando identificar alternativas de enfrentamento e de prevenção de situações conflituosas nos espaços escolares, com o intuito de elaboração de novas propostas para tratar estes comportamentos, presentes no cotidiano de escolas de Passo Fundo. Além disso, também têm realizado oficinas e palestras de sensibilização sobre as violências presentes nos ambientes escolares, tanto para alunos dos cursos de licenciatura da UPF, como para professores das redes de ensino, possibilitando discussões sobre o assunto, visando a autoconscientização para a necessidade da construção conjunta de uma cultura de paz. Além disso, têm realizado oficinas de escutatória, especialmente para professores das redes municipais e estadual de ensino, buscando ouvir depoimentos, para se conhecer a realidade de situações de violências presenciadas nas escolas, com o objetivo de se pensar em propostas alternativas. Através do trabalho conjunto com os professores visa-se criar ações efetivas na resolução e na prevenção de conflitos existentes nos espaços escolares.

Desde janeiro de 2012, tem promovido na UPF, oficinas de formação de facilitadores, para uma Cultura de paz, por meio do Projeto de Alternativas à Violência (PAV). O projeto visa a construção de uma rede de pessoas capacitadas para divulgar os conhecimentos adquiridos coletivamente, com finalidade de ensinar a como trabalhar com a prevenção e resolução não violenta de conflitos. Cabe ressaltar que a proposta do PAV foi vivenciada ao longo de dez anos, na Escola Bandeirante, em Guaporé/RS, sendo fruto de uma experiência anterior à existência do Observatório, e que foi objeto de pesquisa e tese (BEDIN, 2006).

Devido ao sucesso do projeto na Escola Bandeirante, o Observatório da Juventude tem investido na construção e ampliação desta rede de facilitadores em Passo Fundo, possibilitado tanto a professores que participam do Plano Nacional de formação de professores da educação básica (PARFOR), como a integrantes do próprio observatório, vivenciar experiências de resolução de conflitos e de prevenção à violência através de oficinas de formação. Neste ano de 2013, o Observatório tem por meta continuar oferecendo oficinas do PAV, buscando investir na formação de novos mediadores para trabalhar na divulgação das ações propostas já consolidadas, bem como colaborar na elaboração de novas iniciativas.

Dentre as diversas ações do Observatório, em 2012, houve dois momentos em que foi possível a participação de alunos da graduação de matemática. O primeiro momento foi numa palestra de sensibilização, onde Marcelo Barros abordou as questões apresentadas em seu texto “*Para colaborar com o parto de uma humanidade nova*”. O segundo foi uma oficina de sensibilização, realizada no Campus de Soledade da UPF, com alunos dos cursos de Pedagogia e da Matemática.

De modo geral, posso dizer que nos dois eventos, a maioria dos graduandos em matemática, gostou e relatou ter “despertado” para a importância das questões tratadas no processo de ensino e aprendizagem. No caso da oficina de sensibilização, metade da turma não compareceu para a atividade proposta, demonstrando não ter interesse na proposta oferecida, talvez por não compreender os motivos de sua realização. Tal fato me fez pensar na importância de esclarecer ainda mais os objetivos das ações a serem desenvolvidas visando a sua mobilização. Quanto à palestra, ao ser solicitado à turma, para que relatasse sobre o significado daquela atividade dentro de um turno de aula, a maioria dos alunos se manifestou falando da importância nas suas vidas profissionais, como futuros educadores matemáticos, da discussão e do amadurecimento destas questões, de forma a serem incorporadas em suas práticas docentes. Porém, um dos alunos, relatou que achou entediante o tema, dando a entender que se tivéssemos apenas trabalhado com conteúdos específicos seria mais importante do que o tema tratado naquela noite. Nós conversamos e argumentei sobre a importância de se pensar em suas formações docentes, não somente em metodologias para ensino de conteúdos específicos, mas também do aprendizado de metodologias alternativas complementares, que possibilitassem um ensino de matemática efetivo, objetivando também a construção de uma Cultura de Paz, como um complemento fundamental para a atuação docente nos ambientes escolares, onde existem situações de violência que impedem que a aprendizagem ocorra. Após estas reflexões, aparentemente, sua postura se modificou.

Depois de ocorridos estes fatos, buscando compreender os motivos que levaram alguns alunos a sequer estarem abertos para “ouvir” as propostas, tanto da oficina como da palestra, acabei por repensar, também, minha postura ao longo de anos e, naturalmente, minha própria prática docente. Acredito que para os educadores matemáticos, ou até mesmo os educadores da área das Ciências Exatas, de modo geral, não é uma tarefa simples tratar de questões humanísticas, de forma integrada às tarefas propostas, relativas aos conteúdos específicos a serem abordados, sem achar que estamos “perdendo tempo”.

Acredito que pela objetividade e pela racionalidade do pensamento matemático temos uma tendência a separar estas questões. No entanto, tenho percebido, pelas experiências vividas, que para a construção de um ambiente harmonioso em sala de aula, é necessário, primeiro a conscientização de que o processo inicia dentro de nós mesmos, pois somente temos “poder” para mudar nossas próprias ações. Além disso, é necessário que sejam estabelecidas, de forma conjunta, regras básicas de convivência, a serem respeitadas por todos e que a “escuta” é uma ferramenta indispensável para que bons relacionamentos, entre educador e aprendiz, possam ser construídos.

A realidade é que, como vivemos numa sociedade doente e violenta, é necessário aprender e ensinar sobre como construir uma nova sociedade sadia, que busca uma cultura de não violência em suas relações.

Pretendemos promover oficinas específicas para turmas de matemática, buscando sensibilizar para os problemas das violências ocorridas nas escolas, bem como apresentar a importância do desenvolvimento da inteligência emocional e da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, através de propostas que possam ser integradas às práticas docentes dos educadores matemáticos. Acreditamos que estas oficinas devem ser elaboradas com dinâmicas apropriadas, de modo que não afastem os licenciandos em matemática, mas que os sensibilizem a utilizá-las em suas práticas futuras, como ações complementares, de modo que possam também trabalhar por uma Educação Integral do seu futuro aluno, na construção de uma Cultura pela Paz.

## **6. Considerações Finais**

Ao buscarmos identificar as violências presentes nos ambientes escolares, são percebidas também as diversas violências presentes no cotidiano da sociedade, que interferem diretamente na formação e na qualidade de vida do indivíduo. Nota-se a necessidade do comprometimento da sociedade, como um todo, para a construção de um ambiente mais democrático, harmonioso e saudável. Também se percebe, que além da organização estrutural da escola, tanto fisicamente, como pela organização do trabalho pedagógico, é necessário pensar alternativas para uma educação escolar que estimule a paz, tanto para resolução de conflitos, como para prevenção dos mesmos, considerando todo o contexto cultural e social do estudante, buscando uma formação plena e completa, que o torne uma pessoa comprometida com a família, escola e com a sociedade em que vive.

As experiências vividas pelo grupo do Observatório indicam que a Educação para a paz se constrói de “dentro para fora”, sendo necessário que haja inicialmente uma conscientização dos motivos que levaram a existência de conflitos, de modo que os mesmos possam ser resolvidos e evitados através do autoconhecimento, da reflexão, do diálogo e da amorosidade em relação ao outro. Também é possível concluir que, no ambiente escolar, para que situações de conflito possam ser trabalhadas e resolvidas, os professores primeiramente devem tomar consciência desta realidade, buscando criar um ambiente mais democrático, onde os acontecimentos possam ser vivenciados através do diálogo frequente, com tolerância e respeito à grande diversidade de valores e pensamentos existentes no âmbito escolar, para que juntos possam agir coletivamente na busca de uma cultura para a paz.

Acreditamos que os educadores matemáticos deveriam considerar estas questões, pois em sua formação inicial, de Licenciatura em Matemática, que tem por objetivo principal as aprendizagens de conceitos específicos de matemática, questões transversais nem sempre estão incluídas sendo, contudo, importantes para o desenvolvimento da inteligência emocional dos alunos, promovendo uma educação integral e humanizadora que contribua para a construção de uma cultura de paz.

## 7. Referências

- BARROS, M.. *Para colaborar com o parto de uma humanidade nova*. Disponível em <http://www.marcelobarros.com/2011/10/palestra-em-passo-fundo.html> . Acesso em 12 de nov de 2011.
- BEDIN, S.A.. *Escola: da Magia da Criação - as éticas que sustentam a Escola Pública*. Passo Fundo: UPF, 2006. 262 p.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- GALEANO, E. *De pernas para o ar: a escola do mundo do avesso*. Porto Alegre, L&M, 1999. 255 p.
- GUIMARÃES, M.R. A educação para a paz como um exercício da ação comunicativa: alternativas para a sociedade e para a educação. *Educação*. Porto Alegre – RS, vol 59, n. 2 , p. 329 – 368, Maio/Ago. 2006.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Trad. Ana Schuquer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 370 p.
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1ª reimpressão, 1999.
- NEVES, M.C. ; CARVALHO, C. A importância da afetividade na aprendizagem da matemática em contexto escolar: um estudo de caso com alunos do 8º ano. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 2, p. 201-215, 2006.
- OLIVEIRA, C.L. *Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica*. 2006. Dissertação (Mestrado) – CEFET-MG, Belo Horizonte/MG, 2006.
- PARRA, S. Indisciplina e violência na escola e o processo de Ensino-aprendizagem: algumas considerações a partir da organização do trabalho pedagógico. In: IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e o

III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia (ESBPP), 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUCPR, 2009. p. 9262- 9275.

PORTANOVA, R. A educação matemática e a educação para a paz. *Educação*. Porto Alegre – RS, v. 59, n. 2, p. 435 – 444, Maio/Ago. 2006.

SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista* (Impresso), v. 02, p. 217-232, 2010.